

Histórias misteriosas do meu avô pescador



André Luiz Vilar Bérqamo

Dezembro de 2020

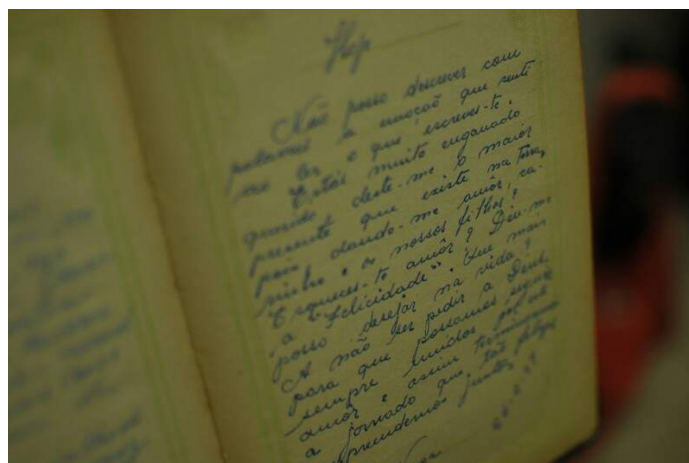
Cardoso/SP

Índice do conteúdo

Introdução – O diário do meu avô.....	03
Relato Nº01: Um lugar especial para pescar: A ceva da surra.....	06
Relato Nº02: A mulher na tarrafa.....	11
Relato Nº03: O redemunho.....	13
Relato Nº04: A canoa fantasma do Porto Militão.....	16
Relato Nº05: O ataque as sucuris.....	18
Relato Nº06: As bolas de fogo da lagoa Hygino Zampronha.....	20

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

Este trabalho é uma contrapartida oferecido à Secretaria da Educação e Cultura do município de Cardosos/SP, em retribuição pelo prêmio da categoria “literatura”, conquistado através do CHAMAMENTO PÚBLICO n.º 02/2020 - EDITAL Nº 048/2020 Lei Emergencial Aldir Blanc n.º 14.017, de 29 de junho de 2020 - Artigo 2.º, inciso III.



Introdução

O diário do meu avô

Em fevereiro de 1955, meu avô Pedro mudou-se com minha vó para a cidade de Cardoso. Ele tinha 62 anos e por recomendação médica, aposentou-se da profissão de cobrador de bondes na capital, onde trabalhara por 32 anos no posto, mas a doença de Chagas era quem o estava cobrando, tirando-lhe as forças do coração como contava a minha finada mãe.

Depois de muito conversar e entrar em acordo com a minha avó Julinda, venderam a pequena casa que possuíam no Bairro do Brás e rumaram para o interior. Inicialmente estabeleceram-se em Votuporanga, mas após conhecerem a cidade de Cardoso, pela qual apaixonaram-se, compraram uma casa próxima ao centro e mudaram-se. Havia poucas casas nos quase dez quarteirões que formavam a cidade na distante década de cinquenta.

Muito religioso, meu vó não perdia nenhuma missa de domingo na paróquia de São Sebastião. Foi em uma dessas missas que o padre apresentou a ele o prefeito Saulo Franco Junqueira.

Este encontro foi descrito por meu avô logo nas primeiras de seu diário (vou falar sobre ele mais a frente) e onde iniciou-se esses incríveis relatos:

“Cardoso, 06 de março de 1955. O prefeito Saulo Junqueira é um homem muito simples, porém auspicioso. Foi-me apresentado hoje pelo padre após a missa matutina e conversamos por um breve período de tempo. Ele interrogou-me sobre diversos assuntos e lhe expliquei o motivo de minha mudança. Foi quando ele me disse: Pedro, se o senhor está aposentado e não pode trabalhar, vá pescar homem!

Pensando bem, eu nunca pesquei em toda a minha e seria uma experiência nova e me ajudaria a exercitar-me, conforme recomendações médicas.”

Minha mãe cursava o terceiro ano de pedagogia na capital quando meus avós se mudaram para o interior e ela resolveu ficar para terminar os estudos. Logo após a faculdade, ela casou-se, e quando eu nasci em 1965, meu avô já havia morrido. Minha avó voltou para São Paulo, onde morava conosco e veio a falecer em 1978.

Eu cresci ouvindo as histórias que ela contava sobre as aventuras do meu avô no Rios Grande e Turvo, no Ribeirão Tomazão e Córrego Tomazinho e os fenômenos sem explicação que ele presenciou durante as suas pescarias nestes lugares. Ela ria muito quando lembrava que ele havia gasto uma pequena fortuna em um barco com reboque e um motor de popa importado em 1956. “Custou mais caro que um carro novo!” Dizia ela toda nostálgica. “Ele chegou a trocar o nosso *chevrolet* luxo por um *jeep* cara de cavalo”. Naquele tempo, eu achava que eram histórias da carochinha.

Minha mãe me deixou ano passado, vítima da COVID-19 e a tristeza se instalou em minha alma. Demorei quase seis meses para finalmente criar coragem e arrumar as coisas dela, fazer algumas doações, separar seus livros e materiais de trabalho. Foi durante e essa arrumação que achei um pequeno caderno, todo embrulhado em flanela e no fundo de uma gaveta de escrivaninha.

Tamanha foi a minha surpresa ao abri-lo e constatar ser um diário de meu avô. Nele, havia uma introdução que explicava o motivo de tal caderno. Inicialmente, ele estava deprimido pela aposentadoria forçada, pela mudança e despejava em suas páginas as amarguras e tristezas. Mas depois que houve o primeiro relato sobre sua primeira pescaria, os textos mudaram. Perderam o tom sombrio e passaram a ser mais descontraídos em alguns relatos. Em outros, um tanto quanto estranhos, ele descreve situações extraordinárias.

Li avidamente todo o diário e fiquei espantado com o conteúdo, pois além dos textos, haviam fotos e algumas ilustrações feitas a bico de pena. Deveria ter umas cinquenta páginas e a primeira escrita está datada 06 de fevereiro de 1955, sendo o último relato, 23 de agosto de 1965, dois dias antes de sua morte.

Eu entendi depois de fazer toda a leitura, que meu avô havia encontrado a felicidade em Cardoso, no extremo noroeste do estado e na pescaria. Ao mesmo tempo, ele se mostrou um imã para as coisas mais inexplicáveis que aconteceram nas suas empreitadas.

Me formei contador e li apenas os romances que me pediram no colégio, pois sempre voltei minha atenção para a matemática, mas eu precisava transcrever esses relatos e levar a público, mesmo sabendo que pareceriam histórias de pescador, mas são histórias verídicas. E assim o fiz. Separei seis dos muitos relatos de seu diário, que depois de algumas formatações, correções e muito saudosismo, apresento-os aos Cardosenses.

Porém, antes deixo uma advertência! Quais são os seus medos? Você tem medo do escuro? Acredita em fantasmas? Uma coisa eu vos digo, você não faz nem ideia das criaturas habitam o fundo das águas, pois a natureza a nossa volta é mais sinistra do que imaginamos. Espero que gostem, mas principalmente, tomem muito cuidado na sua próxima pescaria, pois sabe-se lá o que o espera nas madrugadas escuras e a espreita nas margens dos rios.

Gustavo Silva, São Paulo/SP, 15 de janeiro de 2021.

Relato N°01: Um lugar especial para pescar: A ceva da surra

Cardoso, 20 de março de 1956

Eu finalmente havia completado a minha tralha de pesca e tinha me informado na Casa Gallo acerca de um bom ponto para pescar de barranco e que eu poderia chegar de carro para acampar e passar o final de semana. Seria a minha primeira pescaria.

Tinha comprado vários tipos de varas, linhas e anzóis e outros petrechos. Um facão, barraca e uma rede. Limpei e lubrifiquei meu antigo revólver *Colt* calibre 22, pois me colocaram medo de onça. Separei algumas panelas velhas com a promessa de comprar novas mais tarde para minha esposa, uma garrafa de gordura, arroz e alguns legumes. Eu iria comer os peixes que pegaria, portanto não levaria carne pois eu estava confiante demais.

Três dias atrás carreguei o *jeep* e saí logo após almoçar com minha esposa Julinda. Iria pescar no Ribeirão Tomazão, próximo alguns quilômetros, então o trajeto que deveria ser curto, mas não foi. Eu devo ter me confundido com as explicações e já saí errado da cidade, indo em direção contrária à indicada e em rumo ao Rio Grande.

Haviam me informado que o rio ficava a quatro quilômetros e acabei dirigindo por mais de vinte quilômetros mata a dentro. Eu estava acostumado com a cidade grande, percorrendo todas as suas ruas, conhecia todos os becos e vielas, mas me senti impotente e perdido naquela floresta ancestral.

Quase ao entardecer e depois de percorrer muitas trilhas e atravessar diversos córregos e riachos, cuja beleza, nunca mais esquecerei, avisto o brilho das águas do Rio Grande, com toda a sua exuberância. Parei o carro debaixo de uma árvore e comecei a armar o acampamento. Acendi uma fogueira, armei a barraca montando suas varetas de fibra de vidro.

A noite transcorreu sem problemas, mas confesso que por medo, eu não consegui dormir na barraca e me fechei no *jeep*. Os sons dos animais noturnos eram ameaçadores e pouco descansei naquela primeira noite. De dentro do carro eu adormeci observando as estrelas e pensando na pescaria do dia seguinte.

Ao acordar, já com sol um pouco alto, vi que não pescaria sozinho. Haviam pelo menos mais uns doze pescadores ajeitando as tralhas ali naquele ponto.

Saí do carro, arrumei minhas coisas e preparei uma vara conforme me ensinaram. O barranco era alto e lá embaixo os homens se apertavam dividindo o espaço para jogarem suas linhas na água. Vi que seria impossível e vergonhoso para mim pescar ali. Então tomei a decisão de pegar alguns equipamentos e descer trilha abaixo para pescar sozinho com minha inabilidade.

Após caminhar por alguns minutos, vi uma bifurcação na trilha. O caminho da direita, não era muito limpo como o da esquerda, que parecia ser mais frequentado. Segui pela direita, procurando um lugar para ficar longe dos olhares alheios.

A mata fechou-se sobre a trilha e se tornou apenas uma passagem estreita aberta com meu facão por entre a vegetação. Desci por uma encosta com enormes paredes rochosas, quase como uma escalada. Segui por essa trilha, desenroscando as varas que iam se prendendo toda hora nos galhos e ouvindo o barulho da água ao longe. Devo ter caminhado por uma hora, mas não me cansei como de costume. Encontrei um riacho que desaguava no Rio Grande em uma pequena queda d'água, fazendo um rebojo naquele local.

É aqui! Pensei eu em voz alta. Aqui eu vou finalmente conseguir pegar uns peixes. Desenrolei a linha do caniço, isquei a minhoca e lancei na água, ouvindo o som da chumbada. Coloquei a vara em espera nas forquilhas que havia cortado e volto minha atenção para a trilha.

Vejo a ponta da vara se mexendo, levo a mão nela e dou a fígada, puxando a vara com todas as minhas forças. Já vejo o peixe na ponta da linha e me transbordo com um sentimento que nunca havia tido. Era uma emoção, um misto de alegria e conquista, sentida apenas quando vi a minha linda filha recém nascida pela primeira vez, onde o peito esquenta e há um nó na garganta.

Retiro o peixe e coloco no covão, amarrando a cordinha em uma raiz e o jogando na água afim de manter o peixe vivo. Iria me fartar no peixe frito e assado. Coloco outra isca no anzol ao mesmo tempo que ia pensando qual seria esse tipo de peixe, visto que não diferenciava um do outro. Achei melhor fazer um esboço dele para perguntar mais

tarde de qual peixe se travava. Media três palmos e era lindo. Senti até dó na hora de matar para limpar.

Logo pego mais um, e outro, e não parava mais de fisgar os peixes. Logo meu covó estava cheio. Limpei alguns e acendi uma fogueira, improvisando uma pequena fornalha de pedras para fritar os peixes. O peixe maior limpei e atravessei em uma varinha verde, como em um espeto e coloquei próximo ao fogo para assar bem devagar, esse eu comeria a noite, antes de dormir.

Comi demais e após o almoço, deitei sob uma figueira-branca me aconchegando em suas enormes raízes e adormeci próximo à fumaça da fogueira para espantar os pernilongos e mutucas, eu não gostaria de contrair malária.

Acordei assustado com um barulho de galhos quebrando e me levantei apressado pensando que alguém havia chegado. Olhei para o relógio e eram três e meia da tarde, mas o sol parecia mais baixo que o normal. Olhei ao redor e vi a vara que estava em espera no rio, se mexendo. Havia algum peixe na linha.

Fui em direção a ela e a fisguei, mas não consegui tirar o peixe da água pois deveria ser muito grande. Uma emoção maior tomou conta de mim enquanto tentava cuidadosamente retirá-lo do rio. Logo a vara quebra ao meio e eu tento inutilmente tentar puxar pela linha, mas também não consigo e o maior peixe havia escapado.

Pego a outra vara e lanço sua linha na água. Eu tinha que pegar aquele peixe de qualquer jeito. Na labuta e mantendo minha atenção na água, ouvi mais uns barulhos vindos de trás, mas não dei maior atenção.

Logo ouço um assobio estridente que me arrepiou o corpo inteiro e o silêncio se fez na mata. Meus ouvidos começaram a zumbir e eu senti uma leve tontura. Alguma coisa estava errada, minha pressão deve ter subido, imaginei.

Iria pescar mais alguns minutos e depois voltaria para o carro, mas não deu tempo, ouvi passos abafados no barranco próximo e olhei procurando alguém e não havia nada. Deveria ser alguma pessoa me assustando ou algum animal que ao me ver, voltou correndo.

Senti novamente uma beliscada no anzol e volto minha atenção para a vara. Mais uma vez ouço passos e desta vez se aproximavam correndo. Levantei, tirei o revólver do

coldre e fiquei esperando alguém ou algum animal aparecer, mas nada avistei. Eu já estava intrigado com aquela situação e achei melhor ir embora.

Estava juntando minhas coisas e quando tirei o covo que ainda tinha uns peixes da água ouvi uma voz que me disse: “Já não pegou o suficiente? Você precisa é de uma surra”.

Procurei a minha volta, mas não havia ninguém! Comecei a rezar o pai nosso em voz alta e mais uma vez ouvi a voz assombrosa, só que agora ela gargalhava.

“Me desculpe, estou indo embora agora!” Respondi em voz alta.

Mas dito isso, senti uma chicotada nas costas, outra e mais outra. Estava apanhando igual vaca na horta!

Tirei o revólver e comecei a tirar para todos os lados, mas nada fazia a surra cessar. Sai correndo do rebenque invisível, que me seguiu por uns dez metros, batendo e enquanto isso, aquela voz ria descontroladamente.

Fui andando sem folego, mas logo recebi uma pedrada na cabeça, abrindo um corte acima da testa. Comecei a correr, cambaleando e sentindo as pedras que eram lançadas de todas as direções. Subi a encosta pedregosa de quatro pés, quase me arrastando.

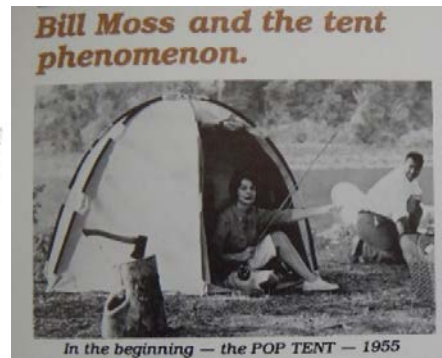
Logo cheguei à bifurcação e voltei para a trilha que levava ao meu *jeep*. Sentei um pouco para recobrar as forças e ouvi as vozes dos pescadores próximos, o que me deu uma certa segurança.

Coloquei minhas coisas no carro e estava indo embora. Não aguentaria mais um dia dormindo no carro com as costas cheias de vergões e com a cabeça sangrando, precisava de atendimento médico.

Enquanto carregava as tralhas, um pescador se aproximou e perguntou se estava tudo bem comigo, porque eu estava visivelmente abalado, com as roupas em farrapos e com o rosto e pálido coberto de sangue.

“Meu senhor, eu não estou nada bem, passei por uma situação que se eu contasse, você não acreditaria. Acabei de levar uma coça de alguma coisa que não conseguia ver, não sei o que era, mas estou todo machucado e dolorido, foi descendo uma trilha rio abaixo”.

O homem me olhou espantado e disse: “Então é verdade mesmo! Você deve ter ido pescar na ceva assombrada da surra!”



Jeep Willys CJ 3B “Cara de Cavallo” (1952/1964). Fonte: <https://www.4x4digital.com.br/2016/02/22/o-jeep-cj-5-no-brasil/>

A história completa das barracas de camping. Fonte: <https://blogdescalada.com/historia-barraca-camping/>

ESPECIAL: UM POUCO DE NOSSA HISTÓRIA, Pescando em ceva. Revista Aruanã, 2017.

Fonte: <http://revistaaruanã.blogspot.com/2017/03/especial-um-pouco-de-nossa-historia.html>

Piau. Fonte: <https://gartic.com.br/luanknox/desenho-jogo/piau>

Relato N°02: A mulher na tarrafa

Cardoso, 01 de abril de 1956

Resolvi pescar de novo. Passado o susto da surra que eu tomei, criei coragem e realizei várias pescarias. Meu vizinho, o seu José Tarrafeiro, morador e pescador antigo na região, me ensinou todos os seus conhecimentos sobre pesca. Seu Zé também é artesão, faz as próprias redes e tarrafas, as quais vende para ganhar a vida.

Ele tem uma certa fraqueza e quando “inverno” perde o discernimento. Pois bem, foi por isso que nossa primeira empreitada junto, deu no que deu. Eu não sabia desta faceta da personalidade dele e quando me chamou para ir tarrapear na sexta-feira santa, não aceitei de imediato.

“É um dia santo para se guardar e ficar em casa”. Dizia eu a ele que já estava alterado e insistia, explicando que não pescaríamos. Justificava que tinha feito uma tarrafa muito grande e queria muito testa-la, pois tinha mais de três metros de raio.

Diante da sua insistência, eu aceitei, pois queria ser gentil com ele. Apesar de ser tarde, iria com algumas condições. Não traríamos nenhum peixe e ele jogaria a rede circular apenas uma vez. De acordo, saímos e era quase cinco horas da tarde naquela sexta-feira sagrada.

No caminho eu pensei em por que ele não jogava aquela bendita rede na grama, no quintal, sei lá, em qualquer lugar, mas deixei o questionamento apenas nos meus pensamentos.

Fomos até as corredeiras do Rio Turvo que ficava distante quinze quilômetros. Chegamos no rio junto com o crepúsculo e com céu se tingindo de vermelho.

Ele retirou a tarrafa do saco e foi arrumando as malhas enquanto ia girando a rede. Amarrou a corda no braço e antes de lançar ele olhou para mim e disse: “Vamos ver se ficou boa!” e jogou a tarrafa nas águas turvas do rio.

A rede apesar do tamanho, caiu aberta por completo. Logo afundou e o Zé foi puxando a corda. De repente ele sentiu um tranco na tarrafa e gritou:

“Seu Pedro me ajuda aqui que a tarrafa tá me puxando, rápido!”

Corri e peguei ele pelo braço e segurei na corda da tarrafa também. Juntos tentávamos trazê-la para fora da água, mas havia alguma coisa pesada se mexendo no fundo do rio.

Colocamos toda as nossas forças e puxamos e o que veio nela me fez soltar a corda imediatamente. O seu Zé começou a gritar, tentando desamarrar a corda da tarrafa de seu braço esquerdo e assim que o fez, jogou a corda na água.

Ambos caímos sentados no chão e ficamos olhando aquela cena macabra, sem reação. Eu comecei a tremer de medo e o Zé fez as necessidades nas suas calças.

Na rede da tarrafa havia a metade de uma mulher, da cintura para cima. Extremamente branca, com cabelos e olhos negros. Ela se mexia suavemente por entre a rede na margem pedregosa do rio.

Ela se desvencilhou da rede e foi afundando novamente e desapareceu nas águas do Rio Turvo.

Eu levantei e saí correndo em direção ao carro e o Zé me seguiu desesperado. Nunca mais pescamos em um dia santo ou com tarrafa novamente.



Pesca com tarrafa. Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Figura-7-Pesca-com-Tarrafa_fig6_304833017

Dead in the water. Fonte: <https://www.scaryforkids.com/dead-in-the-water/>

A pesca com tarrafa é CRIME e proibida por legislação federal. Pesque com consciência e pensando nas futuras gerações.

Relato N°03: O redemunho*

Cardoso, 13 de setembro de 1957.

Fiquei mais de um ano sem pescar devido aos sustos que tomei nas últimas pescarias. Acredito que tenho um imã para atrair assombrações.

Entendi que o problema era pescar de barranco e então fui a São José do Rio Preto e comprei uma canoa com reboque e um motor de popa importado. Só pescaria embarcado.

Saí na sexta-feira cedo e o meu Zé Tarrafeiro foi comigo, ficamos muito amigos depois do ocorrido e ele se mantém sóbrio desde então. Iriamos pescar no Rio Grande, do lado de Minas Gerais e acamparíamos em uma ilha, onde segundo ele, moravam os dourados.

Chegamos no porto e descemos a canoa na água embarcamos as tralhas e partimos com o sol ainda se levantando. Levávamos muita comida, uma caixa de isopor com gelo para trazer os peixes, barraca e outros equipamentos, pois queríamos um certo conforto.

Liguei o motor pela corda trançada e partimos pelas águas do Rio Grande em direção ao outro lado. A canoa deslizava pelas águas profundas ali naquele ponto e o meu Zé ia na ponta, jogando uma linha.

Navegamos por uns quinze minutos sem nenhum problema e o rio tinha ali quase quinhentos metros de largura. O motor novo era potente e íamos a uma velocidade constante, o que causava uma sensação incrível, sentindo o vento no rosto enquanto pilotava a canoa ao nascer do sol.

Logo o Zé me avisa para diminuir a velocidade que ele estava vendo alguma coisa logo à frente. Eu achei melhor desligar o motor para conversarmos.

Ele me mostrava um ponto à frente em meio ao rio, dizendo que tinha alguma coisa lá. Eu olhava e via apenas espuma que girava em algum tipo de rebojo.

“Seu Pedro, liga essa canoa pelo amor de Deus! Eu acho que aquilo é um *redemunho* que tá nascendo!”

“Que isso seu Zé? O que é um *redemunho* homem? É perigoso?” Indaguei.

“Se engolir a canoa, nós morremos!” Respondeu ele com os olhos arregalados. Eu vi que ele estava realmente assustado. Então eu fiquei de pé no barco e olhei em direção ao tal *redemunho*.

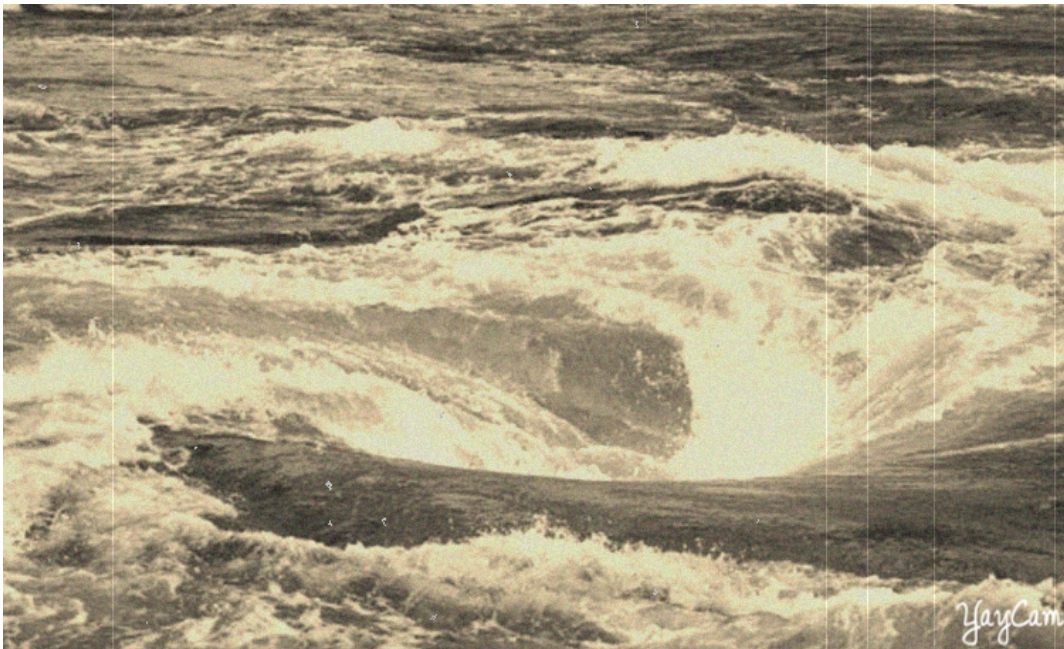
Eu vi as águas girando e de repente abriu-se um buraco no meio do rio, a poucos metros de nossa posição e que já nos atraía como tudo ao seu redor devido a sua força.

Eu me sentei e tentei ligar o motor, mas me apavorei e não consegui. O redemoinho foi aumentando e já estava maior que a nossa canoa. Se não saíssemos dali, seríamos engolidos. O seu Zé já se desesperou e começou a gritar, pedindo para eu me apressar. Ele pegou o remo na tentativa de ajudar a sair dali, mas ao pô-lo na água com suas mãos trêmulas, perdeu nas forças da água.

Estávamos rodando na beira do redemoinho quando eu consegui fazer o motor funcionar e enrolei a manopla do acelerador com toda força para sair da correnteza que formara e onde a nossa canoa já rodava conforme a água girava.

Tal era a força das águas que eu tive que dar uma volta com a canoa no redemoinho aproveitando a sua correnteza para sair da força centrípeta do sumidouro das águas, nos afastando daquela força sinistra da natureza.

Olhei para o meu companheiro e ele estava ajoelhado rezando. Eu fiz o mesmo e agradei a Deus por ter escapado daquela armadilha. Partimos para a nossa pescaria em Minas Gerais e nunca mais avistei tal fenômeno novamente, mas ouvi dizer de outros pescadores, que ele acontece periodicamente no meio do Rio Grande, engolindo as embarcações e os desavisados.



Motor Evinrude. Fonte: <https://ocj.com/2020/05/rip-evinrude/>

Maior redemoinho do mundo. Fonte: <https://gigantesdomundo.blogspot.com/2015/03/maior-redemoinho-do-mundo.html>

***Redemunho:** Gíria tradicional do orador de Minas Gerais que pretendia dizer redemoinho ou rodamoinho. Fonte: <https://www.dicionarioinformal.com.br/diferenca-entre/redemunho/redemoinho/>

Relato N°04: A canoa fantasma do Porto Militão

Cardoso, 02 de agosto de 1959.

Ontem depois da missa não se falava em outra coisa a não ser da tal canoa fantasma que estava aparecendo no porto Militão ao raiar do sol.

Me aproximei curioso do ponto da prosa porque desta assombração eu ainda não tinha ouvido falar. Era uma canoa com algumas pessoas que surgia no meio do rio e antes de chegar na margem do porto ela desaparecia.

Na primeira vez que foi vista, acharam até que a embarcação havia afundado, mas ninguém viu mais nada e nem ouviram pedido de socorro. E assim, essa misteriosa canoa estava surgindo todo dia no meio do rio e na primeira luz do sol, ela desaparecia igual fumaça.

Cheguei em casa, arrumei minha tralha de pesca e já carreguei tudo no barco. Eu iria lá no Rio Grande conferir essa canoa fantasma de perto. Convoquei meu amigo, o seu Zé para ir junto e disse que iríamos pescar traíras. Ele estranhou o horário, mas eu não podia contar o real motivo da pescaria senão ele vacilaria.

Saímos as três horas da manhã e as quatro estávamos descendo a nossa embarcação nas águas frias da margem arenosa do Porto Militão. Subimos e zarpamos em direção ao meio do rio, onde desliguei o motor e joguei a poita.

Meu companheiro já olhou para mim espantado perguntando se íamos pescar traíra no meio rio. “Nunca vi isso, o senhor deve tá ficando louco seu Pedro! Põe logo esse fígado de isca para a gente ver se pega pelo menos uns curimbas”.

Eu ficava procurando a tal da canoa fantasma em todas as direções, mas nada dela aparecer. O céu começara a mudar de cor, indicando a alvorada e quando olhei em direção de Minas Gerais, avisto uma embarcação há uns duzentos metros da nossa posição.

“Olha lá o que viemos ver seu Zé!” E apontei para a direção da aparição.

Era uma *piroga*, um tipo de canoa indígena feita em um tronco só. Nela tinha quatro pessoas, três delas vestidas de branco. À frente do barco e em pé, ia um homem

com um grande chapéu e usava poncho preto, levando a embarcação com um remo muito comprido.

Eu liguei o motor e fui em direção a canoa apesar das súplicas do seu Zé, pedindo para irmos embora. Quando nos aproximamos, tentamos atrair a atenção das pessoas da embarcação fantasma, mas elas não nos via, continuando imóveis. Eram três homens contando com o condutor e uma mulher, que carregava um buque nas mãos. Todos estavam extremamente pálidos com exceção do remador que não conseguimos ver o rosto.

Circulei em volta da assombrosa aparição e o meu companheiro a esta altura, estava deitado e rezando no fundo molhado da nossa canoa.

Ao raiar da primeira luz da alvorada, aquela embarcação começou a se tornar transparente, indicando que estava desaparecendo rapidamente. Neste momento, o condutor da nau fantasmagórica olhou em minha direção e pude ver seu rosto. Era a morte, com sua face cadavérica. Meu corpo gelou e por instinto, fui nos afastando, mas não resisti e olhei uma última vez para trás.

Neste momento, a morte tirou seu remo da água e era a sua foice ceifadora de almas, erguendo-a em direção aos seus passageiros e quando foi desferir o golpe final, a canoa desapareceu em meio ao clarão do sol que raiou.



Caronte, o barqueiro das almas. Fonte: <https://misteriosfantasticos.blogspot.com/2016/12/caronte-o-barqueiro-das-almas.html>

Relato N°05: O ataque as sucuris

Cardoso, 14 de julho de 1961.

Me ofereci para ajudar na expedição que o delegado organizou para caçar e matar uma sucuri gigante que havia engolido um homem enquanto pescava em sua ceva no Rio Turvo, próximo ao Ribeirão da Guariroba, na divisa com Pontes Gestal. Havia uma corredeira onde segundos os boatos, habitavam mais de cem sucuris, todas enormes e estavam devorando bichos e homens que ousassem se aproximar dali.

Fomos em duas canoas para levar o pessoal até próximo ao local, que era de difícil acesso por terra. Devido às pedras e a rasa profundida das águas, os barcos não chegavam na tal corredeira das cobras. Dalí os homens caminhariam pelo barranco até o suposto local.

Apesar do frio cortante, saímos cedo de Cardoso e as sete da manhã as duas canoas da expedição de caça estavam com os motores ligados na água. Éramos em dois pilotos e mais quatro caçadores, incluindo o delegado, que levava até uma câmera fotográfica para registrar a façanha.

Depois de meia hora de subida rio acima em meio a uma forte neblina, avistamos nosso ponto de desembarque. Eu fiquei de guarda nas canoas com meu revólver na cintura, não iria me aventurar a enfrentar cobras gigantes.

Os homens saíram e após quinze minutos, ouço uma saraivada de tiros que ecoavam no canal do Rio Turvo, espantando toda a bicharada das matas e causando um alvoroço.

Saquei meu revólver e fiquei preparado. Logo vejo em meio ao rio, cobras mortas e as vivas tentando fugir dos impiedosos caçadores, mas não avistei nenhuma de proporções épicas, eram apenas sucuris normais.

De repente, a minha canoa se meche e fico apreensivo. Saiu da água a cabeça de uma gigantesca sucuri e a poucos metros de minha posição, fitando-me para dar o seu bote mortal. Comecei a atirar, mas as balas resvalam nas grossas escamas e então eu achei melhor correr na direção contrária à dela e sai em disparada.

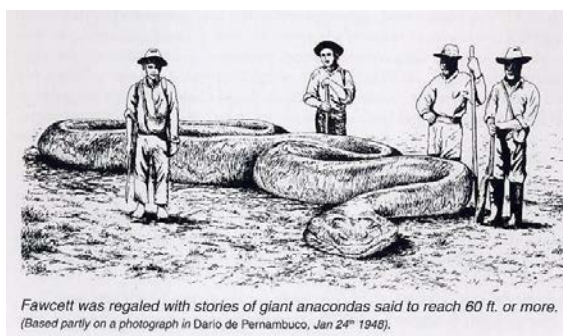
Ela subiu por cima das canoas e se enrolou em uma delas com tamanha ferocidade que a afundou nas águas turvas do rio, desaparecendo logo após. Vi somente o seu vulto afastando-se sob a água.

Eu me sentei assustado com as pernas bambas. Era mesmo uma cobra gigante! Deveria medir uns dez metros e tinha um metro de diâmetro, um verdadeiro monstro e havia fugido. Logo vejo os homens voltando da caçada e se depararam com a destruição do barco e comigo tentando convence-los do tamanho da sucuri que me atacara. Não acreditaram e acharam que eu havia me assustado e atirado no fundo da canoa, por isso havia afundado.

De fato, havia atirado na cobra que estava em cima dela, por isso furou, mas quem afundou foi a sucuri. De nada adiantaram as minhas explicações e passei por mentiroso.

Tiramos as fotos dos caçadores e das cobras mortas e voltamos para a cidade para tranquilizar a população acerca da resolução daquele perigo.

Fiz até alguns desenhos da cobra para tentar convencer as pessoas, mas foi em vão. Mas deixo o alerta, aquela sucuri gigante está por aí a solta e ainda fazendo as suas vítimas.



Fawcett was regaled with stories of giant anacondas said to reach 60 ft. or more. (Based partly on a photograph in Dario de Pernambuco, Jan 24th 1948).



Cobras sucuryrs

Relato N°06: As bolas de fogo da lagoa Hygino Zampronha

Cardoso, 03 de abril de 1964.

A noite passada acordei assustado com pesadelos e não dormi mais. Resolvi dar uma volta pela cidade e acabei caminhando até as margens da lagoa. A lua cheia estava no auge do céu noturno, clareando tanto, que não parecia ser quase meia noite.

Fui até a velha olaria e achei uma tralha de pesca armada por ali. Sentei em uns alguns tijolos empilhados e verifiquei a isca da vara. O anzol estava limpo. Olhei a minha volta e não havia nada a ser iscado, então joguei a linha na água novamente.

Logo avisto algo que se assemelhava a uma bola de fogo e estava acima da linha da água, no meio da lagoa. Levantei e fui em direção à rua. Já tive uma experiência com luzes sinistras uma vez e não gostaria de outra.

Caminhei rápido e olhando para a bola de luz que estava parada no mesmo lugar. Quando olhei para a frente, avisto outra, a uns dez metros de mim. Parei e fui andando para trás calmamente, tentando não chamar a atenção daquela aparição. Elas eram um pouco maiores que uma bola de futebol, mas eram feitas de um tipo diferente de fogo.

Resolvi sair correndo e também não deu muito certo. As bolas começaram a me seguir e estavam tão próximas, que sentia o calor sufocante delas. Fiquei tentado a tocá-las, mas o medo foi maior que a curiosidade e continuei correndo até que houve um clarão tão intenso que fiquei momentaneamente cego.

Quando olhei para trás, passando a mão nos olhos ainda embaçados, vi que as bolas estavam paradas e havia quatro delas as margens da lagoa. Então elas subiram em direção a lua em uma velocidade incrível e desapareceram.

Acabei de chegar em casa correndo, sem fôlego e branco como uma folha de papel. Julinda estava acordada, toda preocupada me esperando, dizendo que eu havia sumidos por várias horas. Quando olhei para o relógio, constatei assustado que eram quase cinco horas da manhã.

O mais estranho era que não me lembrava o que tinha acontecido e nem onde eu havia estado neste intervalo de tempo. Depois disso, nunca mais fiz caminhadas noturnas na lagoa Hygino Zampronha.



Lagoa Hygino Zampronha. Fonte: <https://www.turismocardoso.sp.gov.br/cardoso/galeria-de-fotos/>
DESCUBRA O FESTIVAL MAIS MISTERIOSO DA TAILÂNDIA: AS BOLAS DE FOGO DE NAGA.
Fonte: <https://www.calcathai.com/blogs/calcathai/festival-as-bolas-de-fogo-de-naga>